

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS  
UNIDADE DE CAMPANHA**

**A EGIPTOMANIA NA CIDADE DE CAMPANHA-MG:  
levantamento e análise dos objetos arquitetônicos**

**Campanha-MG**

**2023**



Fernando Antônio Nani Carvalho Junior

Hebert de Oliveira Santos de Lima

Ygor Klain Belchior

**A EGIPTOMANIA NA CIDADE DE CAMPANHA-MG:  
levantamento e análise dos objetos arquitetônicos**

Relatório apresentado à 7ª FEMIC — Feira  
Mineira de Iniciação Científica.

Orientação do Prof. Dr. Ygor Klain Belchior.

**Campanha-MG**

**2023**



## RESUMO

O presente projeto analisou os elementos arquitetônicos egípcios em Campanha-MG, um município localizado na região sul do Estado de Minas Gerais e que, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, censo de 2022, possui a população de 15.935 habitantes. Ao explorarmos a cidade, junto ao nosso Professor de História Antiga, percebemos a existência de diversos objetos arquitetônicos inspirados no Egito antigo e que não são do conhecimento dos campanhenses. Assim, localizamos os objetos a fim de investigá-los historicamente. Nosso estudo foi realizado com base na Egiptomania, uma metodologia que compreende as manifestações simbólicas do Egito antigo na arquitetura contemporânea como um fenômeno de cunho social e cultural que vai além da estética. Em outras palavras, entende os artefatos como fontes para o estudo do imaginário que se tem sobre a cultura egípcia em diferentes temporalidades. E por que tal escolha? Porque existem monumentos na paisagem urbana campanhense rememorando traços da arte egípcia, os quais, muitas vezes, sem percebermos, convivemos diariamente, a exemplo do obelisco do bicentenário, da pirâmide e do obelisco do cemitério, e de outros traços identificados na decoração de casas e da Igreja Santo Antônio. O obelisco do bicentenário é um desses objetos típicos pouco percebidos, mesmo estando localizado na Praça Dr. Jefferson de Oliveira, no centro da cidade. Fato que reflete no seu estado de conservação, afinal, encontra-se sujo, com muitas pichações e há sinais de depredação, não condizendo com a sua importância. A partir do diálogo interdisciplinar com a História da Arte e a Educação Patrimonial, esta pesquisa considerou a Egiptomania na arquitetura da cidade de Campanha, uma região ainda não estudada pelos cânones da área, e repleta de documentos históricos inéditos. Ainda será construir um mapa educacional de tais apropriações no cotidiano da cidade, em conjunto com textos/ensaios sobre esses objetos no presente e no passado.

**Palavras-Chave:** Egiptomania; Arquitetura; Campanha-MG.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	5
<b>2 JUSTIFICATIVA</b>	8
<b>3 OBJETIVO GERAL</b>	10
<b>4 METODOLOGIA</b>	10
<b>5 RESULTADOS OBTIDOS</b>	17
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	34
<b>REFERÊNCIAS</b>	34

## 1 INTRODUÇÃO

Neste projeto, estudamos a egiptomania na cidade de Campanha-MG, a partir da catalogação e da análise de objetos arquitetônicos. E por que tal escolha? Porque existem monumentos na paisagem urbana campanhense rememorando traços da arte egípcia, os quais, muitas vezes, para usar as palavras de Bakos (2004, p. 10), “sem percebermos, convivemos diariamente com símbolos e objetos típicos [...], elementos que atravessam os séculos e chegaram até nós, adaptados, estilizados ou simplesmente decalcados de seus antigos modelos originais” (Figura 1).

**Figura 1 – Obelisco do Bicentenário de Campanha-MG**



**Fonte:** O CAMPANHENSE, 2016.

Conforme o portal *iPatrimônio*, o Obelisco do Bicentenário de Campanha é um monumento de pedra erigido em 02 de outubro de 1937,<sup>1</sup> sendo, posteriormente, tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Municipal da Prefeitura Municipal de Campanha-MG [SERPHAM], por meio do Decreto n.º 3018 de 1998.

<sup>1</sup> IPATRIMÔNIO. [Site institucional]. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/campanha-obelisco-do-bicentenario-de-campanha/>. Acesso em 29 mai. 2023.

O Obelisco é um desses “objetos típicos” pouco percebidos, mesmo estando localizado na Praça Dr. Jefferson de Oliveira, no centro da cidade. Fato que reflete no seu estado de conservação, encontra-se sujo, com muitas pichações e há sinais de depredação, não condizente com a sua importância para a cidade (Figura 2).

**Figura 2 – O estado atual do Obelisco do Bicentenário de Campanha-MG**

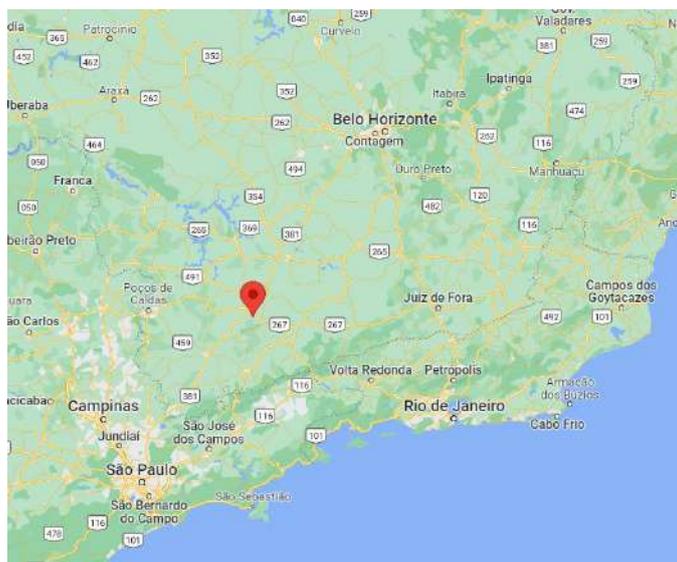


Fonte: O CAMPANHENSE, 2016.

Campanha-MG é um município localizado na região sul do Estado de Minas Gerais (Figura 3). Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], censo de 2022, possui 15.935 habitantes.<sup>2</sup> Ao explorarmos a cidade, junto ao nosso Professor de História Antiga, percebemos, para além do obelisco, a existência de outros objetos arquitetônicos inspirados no Egito antigo e que não são do conhecimento dos campanhenses. Assim, decidimos investigá-los historicamente, almejando, para o futuro, produzir um material contendo o mapa de tais apropriações, bem como textos/ensaios explicando os seus usos no presente e no passado.

<sup>2</sup> <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em 15 out. 2023.

**Figura 3 – Localização da cidade de Campanha-MG**



Fonte: *Google Maps*.

Nosso estudo foi realizado com base na Egiptomania, uma metodologia que compreende as manifestações simbólicas do Egito antigo na arquitetura contemporânea como um fenômeno de cunho social e cultural que vai além da estética. Em outras palavras, entende os artefatos como fontes para o estudo do imaginário que se tem sobre a cultura egípcia em diferentes temporalidades. Assim, compreenderemos os elementos arquitetônicos como uma apropriação “decalcad[a] de seus antigos modelos originais” (BAKOS, 2004, p. 10). Todavia, as suas existências sustentam uma afirmação norteadora desta pesquisa: existe, no Brasil, uma “mania” de “objetos típicos” do Egito Antigo. E entendemos essa “mania” como um “uso do passado”, o qual a historiografia escolheu chamar de Egiptomania.

Egiptomania consiste em um campo de estudos consolidado aqui no Brasil. São diversas as obras e os autores que contribuíram para que essa posição fosse alcançada, permitindo, de certa forma, que novos problemas e novas fontes que ainda não foram investigadas pudessem ter o seu lugar. Sendo assim, esta pesquisa analisou uma região ainda não estudada pelos cânones da área e repleta de documentos históricos inéditos a serem catalogados.

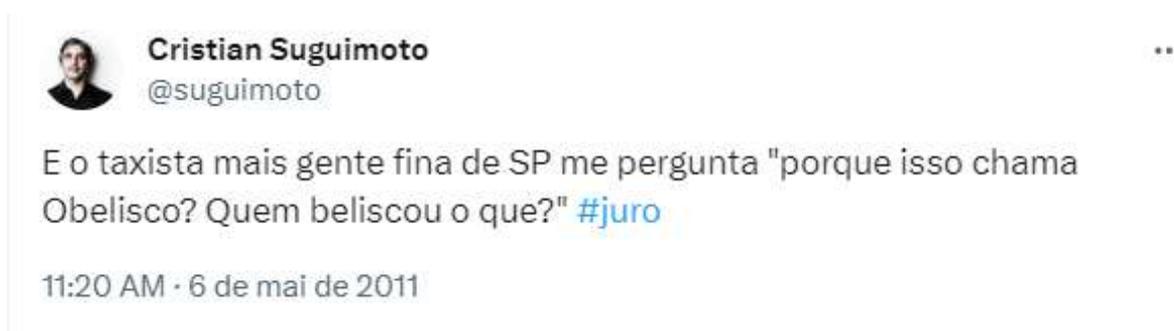
O campo também é muito atrativo para as crianças e jovens do ensino básico e médio, ao fornecer ao(à) professor(a) um material atrativo, muitas vezes encontrado no centro das cidades, em diversas mídias e meios de comunicação, como os filmes, os jogos e as redes sociais (BAKOS, 2004).



## 2 JUSTIFICATIVA

A primeira justificativa é educacional. Entendemos a egiptomania como uma poderosa ferramenta para mostrar para o(a) aluno(a) que a História não se trata apenas de fatos do passado, mas compreender e interagir com o mundo que o(a) cerca. Quando o(a) estudante aprende a olhar para a História dessa maneira, acaba entendendo a sua própria realidade (BAKOS, 2004). A partir do ensino, pode-se mostrar que cultura do antigo Egito não está tão longe do cotidiano dos(as) brasileiros(as), mesmo ainda sendo um desconhecido de muitas pessoas (Figura 4).

**Figura 4 – Por que obelisco se chama obelisco?**



Fonte: SUGIMOTO, 2011.

O intrigante é que, em Campanha-MG, a população com mais de cinquenta anos também conhece a Praça do Obelisco como “a Praça do belisco”, em alusão ao fato de que o local era, antigamente, lugar de encontro de casais. De tal maneira, podemos sustentar a afirmação de que a simples presença de monumentos egípcios na paisagem urbana não significa que vão ser percebidos como egípcios aos olhos das pessoas que passam por eles diariamente. Segundo Bakos e Brito (2004, p. 75),

Existem centenas, talvez milhares, de obeliscos espalhados pelas cidades brasileiras. [ . . . ] Na busca pelos obeliscos nacionais, enviamos questionários às capitais e às maiores cidades de todos os estados brasileiros [...]. Como resposta, recebemos muitas vezes a indicação de que não havia nenhum registro da existência de obeliscos em alguns desses lugares, embora de antemão já soubéssemos que tal informação não procedia. Após enviarmos fotos dos mesmos aos entrevistados, vinha então a retificação, dando conta de que tal monumento, de fato, existia, embora fosse conhecido na cidade por outra denominação ou simplesmente passasse totalmente despercebido em meios aos demais equipamentos urbanos.



Para além da educação calcada no letramento patrimonial e arquitetônico dos objetos urbanos, a egiptomania também pode ser a servir como uma espécie de catálogo museológico de peças e artefatos “antigos” que poucas pessoas, no Brasil, têm o privilégio de observar as peças autênticas.

Essas obras, de admirável execução, têm o mérito de trazer conhecimento sobre o Egito antigo a uma parcela da população brasileira, a qual dificilmente teria oportunidade de visitar não só as coleções de museus internacionais, como também aquelas expostas nos museus do Rio de Janeiro e São Paulo (BAKOS; BRITO, 2004, p. 75).

Outra justificativa é o caráter interdisciplinar da nossa pesquisa, a qual dialoga com a História da Arte e a Educação Patrimonial.

Nesse sentido, o projeto insere-se no diálogo com a Educação Patrimonial, definida pelo Guia básico da Educação Patrimonial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN], como um instrumento de “alfabetização cultural” que “possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 14). Um processo muito importante para a compreensão múltipla e plural da cultura brasileira.

Assim, estudar o patrimônio local leva-nos ao contato com a continuidade, a transformação e a reutilização dos objetos artísticos. Por isso, o diálogo entre o patrimônio e a História da Arte se faz necessário, pois:

é difícil, na verdade, apreciar aquilo que é completamente desconhecido, a menos que alguma mão amiga nos guie nesse novo universo. Um enorme obstáculo se ergue entre essa pessoa e as obras que ela tenta “ver”: o desconhecimento da civilização que está por trás das obras e que ditou os gestos dos artistas (BRANCAGLION JUNIOR, 2003, p. 2).

Mais uma justificativa para o desenvolvimento deste projeto consiste no financiamento de uma pesquisa em História Antiga na Universidade de Minas Gerais [UEMG], em especial, vinculada ao Laboratório de Pesquisas da Unidade Acadêmica de Campanha. Nele, há a presença de cinco estudantes focados na temática, o que também justifica o financiamento e o desenvolvimento de um estudo de um assunto tão atraente aos(as) graduandos(as).



### 3 OBJETIVOS

#### 3.1 Objetivo geral

O objetivo principal desta pesquisa é caracterizar, identificar e analisar os objetos arquitetônicos egípcios na cidade de Campanha-MG, através do olhar da egiptomania.

#### 3.2 Objetivos específicos

- Reconhecer os diferentes objetos egípcios de Campanha-MG;
- Avaliar os objetos egípcios de Campanha-MG por meio da historiografia da arte egípcia, visando compreender os seus usos no passado e no presente;
- Elaborar um mapa com os objetos egípcios;
- Divulgar o nosso estudo à sociedade campanhense.

### 4 METODOLOGIA

A natureza desta pesquisa é qualitativa porque visou entender as apropriações da arquitetura egípcia na cidade de Campanha. Ela foi realizada por meio da descrição dos objetos coletados em pesquisa de campo. Nesse sentido, a pesquisa também foi exploratória, uma vez que partiu da leitura de obras sobre um fenômeno muito estudado no Brasil e no mundo: a egiptomania. Igualmente foi descritiva, no sentido de descrever o fenômeno da egiptomania e as apropriações egípcias em Campanha. E, por fim, foi explicativa por procurar explicar as diferenças entre os usos dos objetos pelos egípcios antigos daqueles do presente. Dividimos a execução do projeto em três partes: i) a egiptomania; ii). o levantamento dos objetos em Campanha; e iii) o estudo dos usos desses objetos pelos egípcios antigos e por nós.

Na primeira, estudamos a egiptomania como um campo específico de estudos, a partir da leitura e do fichamento da bibliografia especializada.<sup>3</sup> Todavia, comentaremos a apenas leitura da obra “Egiptomania: O Egito no Brasil”.

---

<sup>3</sup> Bakos (2001; 2002; 2003; 2004; 2005; 2006; 2008; 2009 e 2012), Brito (2003; 2004 e 2007), Funari (2008), Funari e Funari (2015) e Silva (2005).



Organizada por Bakos (et al., 2004). é composta de doze textos de diversos autores do país que evidenciam as diferentes formas de manifestações egípcias no cenário brasileiro. São eles: História da Egiptomania no Brasil: Séculos XIX e XX, Como o Egito Chegou ao Brasil, Coleções Egípcias no Brasil, Presença do Antigo Egito nos Cemitérios, Arquitetura Egípcia entre Nós, Obeliscos Brasileiros, Arte e Decoração Egípcia, Festas, Carnavais e Egito Antigo, A Ordem Rosacruz e a Arquitetura Egípcia, Marketing e o Egito, Egito na Sala de Aula, O Egito na Poesia Brasileira — Pequena Antologia e Egiptomania na Literatura.

A partir da leitura da obra percebemos que o fascínio pelo Egito antigo é algo que existe desde a antiguidade. Os gregos e os romanos foram os primeiros a colecionarem as maravilhas encontradas nas areias do deserto, a exemplo dos obeliscos e das pirâmides. Os seus olhares sobre essa civilização, que nasceu há mais de seis mil anos, criou o primeiro formato de egiptomania que o ocidente experimentou.

As imensas estruturas localizadas ao longo do rio Nilo, os seus hieróglifos — considerados a mais bela escrita do mundo — e as suas crenças sobre a vida após a morte, permaneceram, por muito tempo, no pensamento ocidental com uma aura de superstições e misticismos. A permanência tornou-se uma “mania”, a qual continua presente na contemporaneidade.

Para entender a egiptomania é importante distingui-la de outras formas pelas quais o fascínio pelo antigo Egito se manifesta. Conforme Bakos (2004), são três as categorias que classificam esse interesse: i. egiptofilia; ii. egiptomania; e iii. egiptologia. A egiptofilia é o ato de se apossar dos objetos, das esculturas, documentos e dentre os outros elementos da cultura egípcia. Esse fenômeno foi observado principalmente após a expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito, levando à crescente busca de novos objetos por parte dos museus europeus. A outra maneira é denominada egiptologia, isto é, “o ramo da ciência que trata de tudo aquilo relacionado ao antigo Egito” (BAKOS, 2004, p. 10). Em outras palavras, é o estudo movido por pesquisas acadêmicas com métodos cientificamente testados, sendo a maneira mais confiável de se conhecer a história dos antigos egípcios. Por fim, a última maneira e a mais popular se trata da egiptomania, a qual é a reinterpretação da cultura egípcia desvinculada do seu sentido original, ou seja, é uma interpretação do passado egípcio que não necessariamente tem que concordar com a egiptologia ou a egiptofilia.

O desenvolvimento da egiptomania no mundo acompanhou as descobertas acadêmicas, o imaginário e saber popular, além dos relatos dos viajantes e dos contos criados pelos escritores, que enxergaram na cultura egípcia uma fonte criativa para a elaboração de suas literaturas.

Na época contemporânea, o deciframento da pedra de Roseta em 1821, por François Champollion, o desenvolvimento da arqueologia e da egiptologia, no século XX, e por fim, o descobrimento da tumba de Tutancâmon, certamente tiveram um papel fundamental na perpetuação do Egito na memória ocidental.

No Brasil, o fascínio pelo Egito surge com os monarcas portugueses, em especial Dom Pedro II, que devido a sua paixão pela cultura egípcia chegou a fazer excursões e escrever um diário sobre as suas viagens (Figura 5). Além de estar sempre em contato com grandes egiptólogos de sua época.

**Figura 5 – D. Pedro II e a esfinge**



Fonte: MARTON, 2017.



Dom Pedro II considerava o Egito como o berço da civilização ocidental. Buscando, portanto, garantir a ligação entre o Brasil e a linha histórica da civilização. O regente entendia que a História Universal começou com os egípcios e seguiu rumo à Europa, onde encontrou Grécia e Roma. Após a Idade Média, a civilização chegou à modernidade e às Américas, por meio dos nossos colonizadores. Essa cronologia histórica influenciou a inauguração da exposição da coleção de relíquias egípcias no Museu Histórico Nacional.

O fascínio do Dom Pedro II não se restringiu apenas a egiptomania e a egiptologia. A aquisição por parte do imperador de uma vasta coleção egípcia, em 1827, mostra um dos maiores exemplos de egiptofilia do Brasil. Arrematadas em um leilão, a coleção contava com uma variedade de objetos, artefatos e até múmias. O valor foi de 5 contos de réis, sendo vendidas por um comerciante chamado Nicolau Fiengo. O porquê da chegada das coleções ao Brasil e até mesmo a identidade do comerciante são questões controversas. Independente dos questionamentos, o que se tem de certeza é que com a aquisição por parte do imperador, o Brasil foi o primeiro país a possuir uma coleção egípcia das Américas.

São muitas as variedades de objetos trazidos nessa coleção, como esquifes do III período intermediário, estelas votivas e funerárias, estatuetas, vasos, além de múmias humanas e de animais que sempre foram as peças mais curiosas e populares. Após a aquisição, o Imperador foi instruído a doar a coleção para o Museu Nacional, onde infelizmente, em 2018, foi tomada pelas chamas e muitos dos objetos foram perdidos. Atualmente inúmeros trabalhos são realizados na tentativa de recuperar o máximo de itens possíveis. A coleção, todavia, não é a única no país. Outras organizações como universidades e instituições privadas possuem alguns objetos egípcios, a exemplo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo [MAE-USP], a coleção de Pietro Maria Bardi, no Museu de Arte de São Paulo, e a coleção de Eva Klabin Rapport, no Rio de Janeiro.

A apropriação da Egito pelas elites brasileiras, em um primeiro momento, foi realizada como uma ferramenta de diferenciação social. Havia um modismo pelo Egito, especialmente nos cemitérios. Ali, os abastados do século XX construíram túmulos em formato de pirâmides e de templos egípcios, todos adornados com sarcófagos, esfinges, obeliscos e motivos nilóticos. O pretexto era o engrandecimento social, a partir do misticismo, da monumentalidade e da busca pela eternidade.



Nesse sentido, o obelisco é o elemento da cultura egípcia mais encontrado nos cemitérios brasileiros. Segundo Bakos (2004, p. 51) “é usado como marco e celebração da memória dos que repousam junto a ele, além de manter o aspecto simbólico da ligação entre o céu e a Terra” (Figura 6).

**Figura 6 – Obelisco e mausoléu ao soldado constitucionalista de 1932**

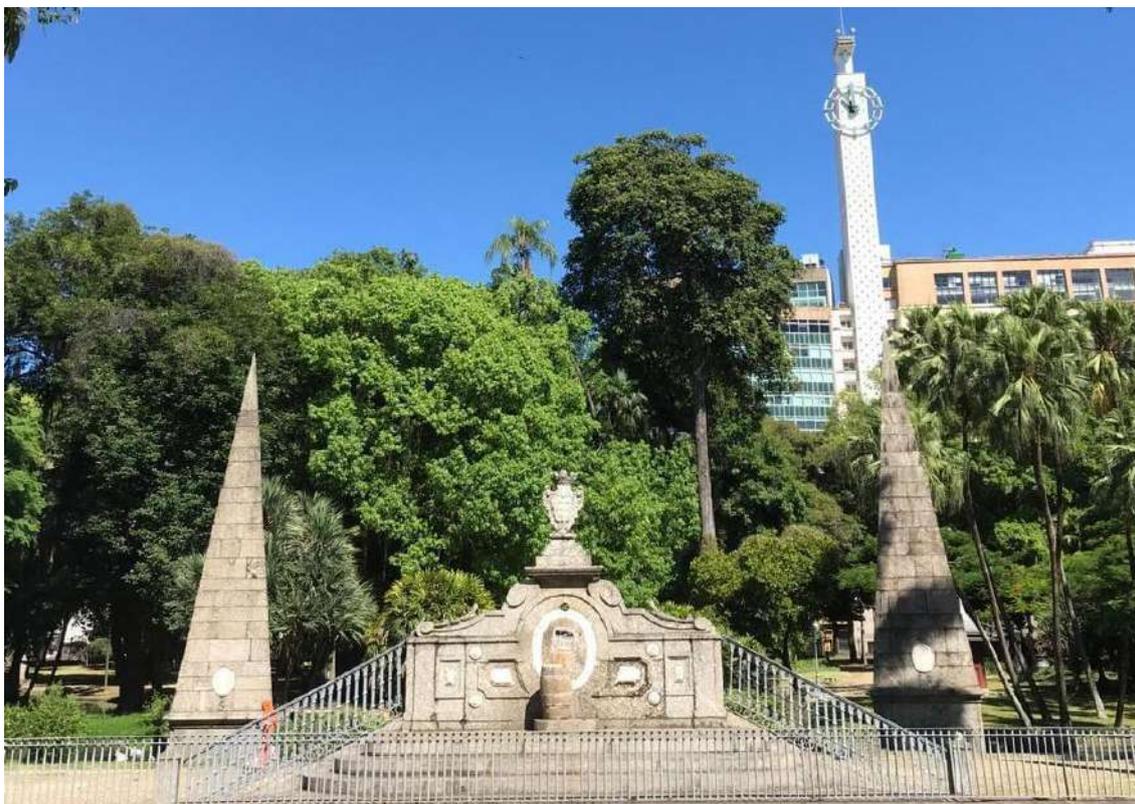


Fonte: BARROS, 2022.

Distanciando-se das áreas tumulares, a egiptomania também é encontrada em obras arquitetônicas espalhadas pelas cidades brasileiras. A adoção de elementos com características egípcias pela arquitetura brasileira remonta aos finais do século XVIII, inicialmente em construções oficiais. Já, no século XX, edifícios particulares ou públicos como prédios, casas e estabelecimentos comerciais também passaram a adotar esses elementos na arquitetura.

O mestre Valentim foi um dos pioneiros na construção de obras arquitetônicas claramente influenciadas pela cultura do antigo Egito. Importante artista do Brasil colônia, foi responsável pela execução do projeto de remodelação urbana da cidade do Rio de Janeiro, que previa a criação de obras de abastecimento de água e saneamento básico, mas também obras destinadas a embelezar as diversas áreas da cidade, como ruas, praças e avenidas. O fascínio aparece em algumas de suas obras, como as pirâmides encontradas no Passeio Público do Rio de Janeiro (Figura 7).

**Figura 7 – As Pirâmides e o Menino da Bica no Passeio Público, Rio de Janeiro**



Fonte: RIOTUR.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> [https://riotur.rio/que\\_fazer/passeiopublico/](https://riotur.rio/que_fazer/passeiopublico/)



Os exemplos de egiptomania na arquitetura não se restringem as obras do artista Valentim. As cidades brasileiras apresentam inúmeros exemplos de construções com claras influências da arte egípcia. Casas adornadas com esculturas de faraós, templos religiosos com estruturas piramidais e até motéis temáticos, revelando, assim, a “criatividade dos brasileiros no processo milenar de reutilização dos elementos do Antigo Egito” (BAKOS, 2004, p. 58).

A permanência da influência do antigo Egito no Ocidente, portanto, é devido ao fascínio criado, por parte dos ocidentais, do pensamento mágico e do culto à imortalidade. Sendo a arte, um campo fértil para observar como o ocidente se apropriou de elementos egípcios, atribuindo novos significados.

Findado o nosso primeiro procedimento metodológico, iniciamos o segundo, a saber, a busca de outros elementos arquitetônicos, para além do obelisco do bicentenário. Assim fizemos a busca exploratória pela cidade de Campanha-MG, a qual comentaremos nos resultados. Embora é possível adiantar a identificação de mais de um obelisco, de uma pirâmide, de discos solares e de esfinges. Considerando tamanha variedade, decidimos explanar nos resultados.

O terceiro procedimento foi a leitura exploratória de textos sobre a arte egípcia. Para tanto, escolhemos a definição de arte de Gombrich (2000), o qual defende que não devemos tomar a arte, com “A” maiúsculo, ou seja, como um conceito estético abstrato “do que é bonito” ou em um sentido teórico. Mas devemos entender a arte como uma “obra” ou um “objeto” da cultura material com as suas próprias funções, estipuladas no contexto em que foi produzida. Ademais, é muito importante entender que a arte, ou os objetos, passam por diversas interpretações ao longo do tempo. Visto isso, podemos entender que um objeto artístico nem sempre foi entendido como Arte, a exemplo dos obeliscos egípcios. Nesse sentido, também dialogamos com a noção de arte de Coli (1995, p. 8), a saber como o “conjunto complexo dos padrões de comportamento, das crenças, instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade”.

Assim, entenderemos a arte egípcia no passado e no presente como parte da cultura material daquela sociedade, e não simplesmente como arte. De acordo com Meneses (1983, p. 112).



Por cultura material poderíamos entender aquele segmento do meio físico socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais. Essa ação, portanto, não é aleatória, casual, individual, mas se alinha conforme padrões, entre os quais se incluem os objetivos e projetos. Assim, o conceito pode tanto abranger artefatos, estruturas, modificações da paisagem, como coisas animadas (uma sebe, um animal doméstico), e, também, o próprio corpo, enquanto ele é passível desse tipo de manipulação (deformações, mutilações, sinalações) ou, ainda, os seus arranjos espaciais (um desfile militar, uma cerimônia litúrgica).

Assim, as culturas materiais egípcia e campanhense devem ser avaliadas como parte dos “sistemas socioculturais, sua estrutura, seu funcionamento e seu comportamento ao longo do tempo, sua mudança”, objetivando compreender os contextos de cada objeto, sejam eles cívicos, domésticos ou funerários, porém como “terreno propício para entender status, hierarquias, diferenciação social e econômica e questões semelhantes” (MENESES, 1983, p. 113 – 116). Justamente por nossa opção teórica, avaliamos os motivos, os traços, isto é, aquilo apropriado pelos homens daquela civilização antiga e os da cidade de Campanha.

## 5 RESULTADOS OBTIDOS

Iniciamos o procedimento exploratório da cidade de Campanha, a partir de conversas com as pessoas na rua. Perguntamos a elas se tinham conhecimento de alguma obra egípcia, para além do obelisco do bicentenário. Surpreendentemente, nem mesmo o referido objeto — o qual tem destaque muito importante na história da cidade — era do conhecimento público.

Assim, decidimos explorar o Cemitério Municipal de Campanha, localizado na Rua Silva Lemes. Para contar essa história, pedimos licença aos nossos leitores para colocarmos um pouco de personalidade na narrativa. Afinal, as nossas andanças pelo cemitério foram muito empolgantes, no sentido de reconhecer, em meio a tantos túmulos, tradições artísticas muito distintas, as quais permitiram compreender o cemitério como um museu ao ar livre. E dentro dessa exposição, encontramos alguns elementos egípcios, dentre eles, uma pirâmide (Figura 8).



**Figura 8 – Alunos da UEMG na pirâmide do Cemitério Municipal de Campanha**



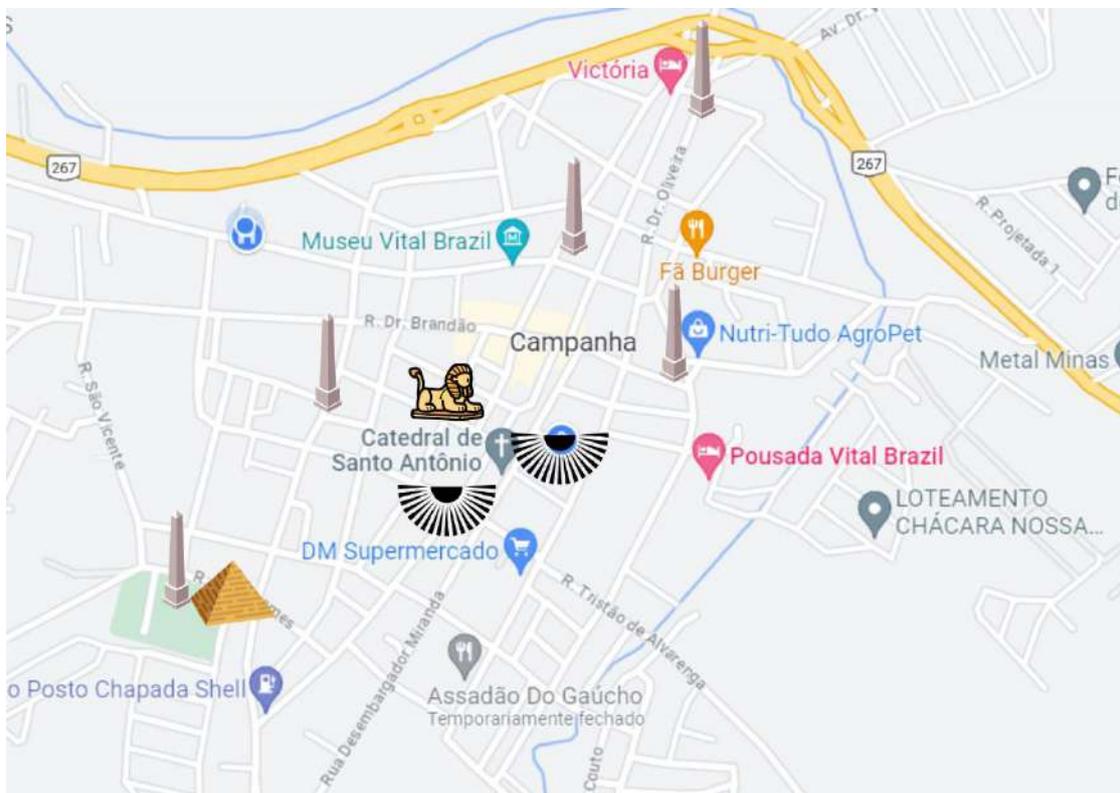
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Restava ainda procurar objetos arquitetônicos em outros locais da cidade. Justamente por isso, decidimos explorar os arredores da Praça D. Ferrão, a sua parte mais central. Lá, encontramos objetos decorativos com motivos egípcios, como discos solares e esfinges. Para além da praça, percorremos a cidade observando se havia mais algum objeto. Quantitativamente, encontramos cinco obeliscos: i. o bicentenário da Campanha, na Praça Dr. Jeferson; ii. no Cemitério Municipal; iii. na Av. Des. João Bráulio, altura do número 58; iv. na Praça Margarida Marques Carvalho; e v. na praça Zoroastro Oliveira, ao lado do Campanha Esporte Clube. Também percebemos a presença de discos solares no teto da Igreja Santo Antônio e na fachada da casa localizada R. Nicolau Navarro, n.º 4. Duas esfinges no portão da Biblioteca Pública Municipal Cônego Vítor. Por fim, a já mencionada pirâmide encontrada no cemitério, bem como um jazigo em forma de templo egípcio.



Elaboramos o seguinte mapa (Figura 9):

**Figura 9 – Mapa dos objetos egípcios em Campanha-MG**



**Fonte:** O autor, 2023.

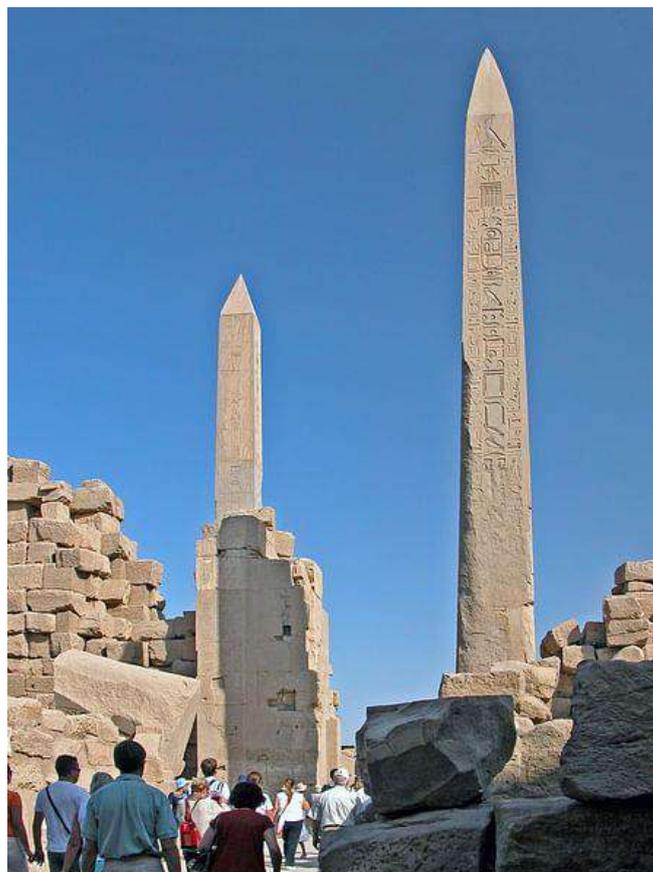
Realizado o levantamento dos objetos, nesta parte destinada aos resultados, prosseguiremos com as análises.

### 5.1 Obeliscos

No Egito antigo, a arte era totalmente voltada para a religiosidade. Segundo Lise (1978, p. 6), “o fundamento ideológico da arte egípcia é a glorificação dos deuses e do rei defunto divinizado”. E mais, para Brancaglioni Junior (2003, p. 119), havia significado místico, a exemplo dos obeliscos que, para os egípcios, era “um símbolo solar, raio do sol petrificado, aparecendo geralmente aos pares na entrada dos templos, diante do pylon, ou de certas tumbas” (Figura 9).



**Figura 10 — Obeliscos de Karnak**



**Fonte:** MARK, 2016.

Segundo Bakos e Brito (2004, p. 73), “Tekhen era o nome dado pelos antigos egípcios a tais monumentos e significava, textualmente, “raio de sol”. Foram os gregos que lhes deram o nome de obeliscos que, em sua língua, significava ‘agulha’ ou ‘pino’”. A partir da recepção dos obeliscos pelos romanos, passaram a ser assentados em centros urbanos, e não mais religiosos, isoladamente, e não aos pares, como era comum ocorrer no antigo Egito.

No Brasil, existem centenas de obeliscos. Nenhum deles é exemplar egípcio original. Sendo, portanto, partes de discursos e narrativas contemporâneas, segundo Cunha (2005, p. 44), são comumente erigidos por quatro principais motivos: i. homenagem a figuras públicas; ii. marcos de fronteira; iii. celebração de datas; e iv. exaltação de colônias estrangeiras.

Com base nessas considerações, quais seriam, então, os usos dos obeliscos de Campanha? Vejamos, primeiramente, os objetos (Figuras 11, 12, 13, 14 e 15):

**Figura 11 — Obelisco do bicentenário**



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

**Figura 12 — Medalhão em forma de obelisco na Av. Des. João Bráulio**



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

**Figura 13 — Medalhão em forma de obelisco na Praça Margarida Carvalho**



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

**Figura 14 — Medalhão em forma de obelisco na Zoroastro de Oliveira**



Fonte: Acervo pessoal, 2023.



**Figura 15 — Obelisco do Cemitério Municipal**



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

Observamos que existem centenas de obeliscos espalhados pelo território brasileiro, inclusive na cidade de Campanha. Verificamos também que o seu significado mudou através do tempo e adquiriu caráter polissêmico. Os obeliscos das figuras 12, 13 e 14 são, portanto, homenagens a figuras públicas, enquanto o primeiro, a saber, a figura 11, deve ser entendido como um monumento em celebração de datas e, por último, o obelisco apresentado na figura 15 representa um marco de fronteira, isto é, a demarcação entre o mundo dos vivos e dos mortos.

## 5.2 Pirâmide

Assim como os obeliscos, as pirâmides, para os egípcios antigos, também pertenciam à esfera ritualística do sagrado, isto é, eram a ligação entre este mundo e o dos mortos e o local de passagem das almas dos faraós.

Devido à crença tradicional de que o rei morto ascenderia às estrelas circumpolares, a entrada da pirâmide era situada na face norte, mas o alinhamento Leste-Oeste dos templos e edifícios de culto enfatizavam a presença do simbolismo e crenças solares que se tornaram cada vez mais importantes a partir da IV dinastia nos funerais reais (BRANCAGLION JUNIOR, 2004, p. 82).

Isto estava refletido na própria forma da pirâmide, em sua forma estilizada do *Benben*, a rocha sagrada mantida no templo do deus-sol Rê, em Heliópolis, cuja forma piramidal representava os raios solares petrificados (Figura 15).

**Figura 15 — A grande pirâmide de Gizé**



**Fonte:** GALILEU, 2018.

Segundo Araújo, (2008, p. 85), a pirâmide é um dos elementos que mais exerce atração para as pessoas por estar sempre relacionada com as forças místicas e sobrenaturais inexplicáveis.



Os elementos e símbolos egípcios encontrados nos cemitérios estão estritamente ligados com o seu valor artístico-simbólico, não sendo uma representação das crenças das famílias donas dos jazigos por serem muitas vezes combinados ou misturados com símbolos religiosos cristãos. (ARAÚJO, 2008, p. 87).

Observemos a pirâmide de Campanha (Figura 16)

**Figura 16 — Pirâmide do Cemitério Municipal**



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

A apropriação da pirâmide do Cemitério de Campanha corrobora com o raciocínio apresentado. Com um uso totalmente diferente dos egípcios antigos, o objeto em questão não foi erigido considerando representar a rocha sagradas, mas adquire a função de velário. Isto é, o local onde os cristãos acendem velas para os espíritos que partiram em busca da vida eterna. Com essa utilidade, dialoga mais com a reinterpretação mística e Cristã, a exemplo da cruz em seu topo. E, segundo Cunha (2005, p. 29), resulta mais da visão mística do Egito, entendida como orientalizante, uma percepção romantizada das civilizações orientais, marcadas pelo misticismo.



### 5.3 O templo

Com base em Lise (1978) e Brancaglioni Junior (2003), dissertaremos agora sobre o uso dos templos. Afinal, avaliando os vestígios arqueológicos, podemos perceber a centralidade desses locais para religião egípcia. Por exemplo, apreciando o Templo de Amon, em Luxor (Figura 17), é evidente a orientação do edifício para receber uma avenida de acesso, por onde passavam as procissões de culto. A sua entrada é composta de uma fachada composta por dois pilones, dois obeliscos e estátuas reais. Lembrando dos usos desses objetos para os egípcios antigos, podemos compreender todo o recinto a partir atmosfera religiosa, complementada pela arquitetura, tornando o local de culto uma parte da mitologia daquela sociedade.

**Figura 17 — A fachada do templo de Amon, em Luxor**

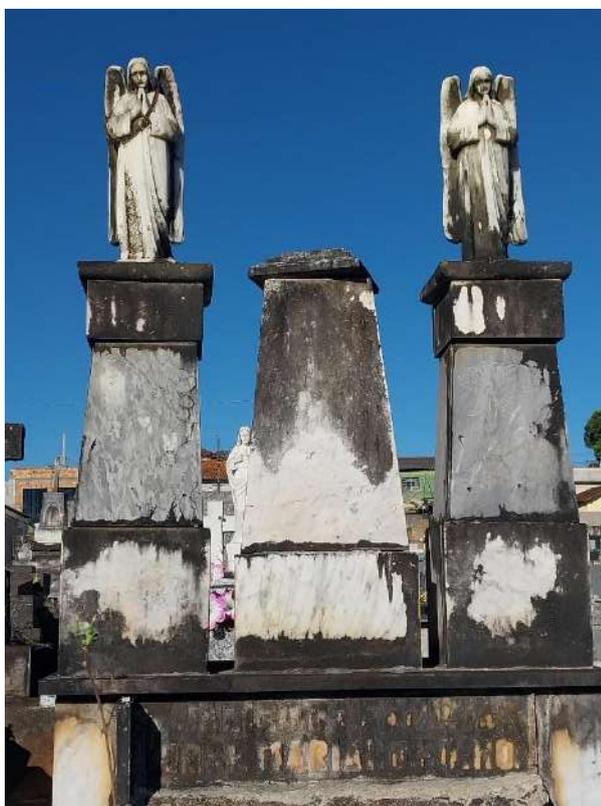


**Fonte:** MINERVA MAGAZINE, 2021.

Na figura, é importante destacar os dois pilones. Para Brancaglioni Junior (2003, p. 133), os pilones são caracterizados pela “entrada monumental com a forma de dois maciços trapezoidais ladeando a porta de entrada dos templos, simbolizando as montanhas do horizonte entre as quais se ergue o sol.”

Vejamos, agora, o jazigo/templo de Campanha (Figura 18):

**Figura 18 — Jazigo do Cemitério Municipal**



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

Da mesma forma que a apropriação da pirâmide, este jazigo apresenta usos de elementos egípcios, como os pilones e o obelisco, junto à interpretação cristã da imortalidade, haja vista os anjos posicionados no topo de cada pilone. O misticismo da imortalidade, portanto, se faz novamente presente.

A relação entre o Egito antigo e o sagrado Cristão merece ser discutida de forma mais detalhada. Em relação ao “Sagrado”, Bakos (2004) demonstra que a egiptomania tornou-se muito apreciada por algumas instituições religiosas cristãs e não cristãs, como a maçonaria. O exemplo trazido pela autora é da ordem Rosacruz, uma organização internacional de caráter místico-filosófico, a qual escolheu utilizar elementos do antigo Egito na arquitetura de suas Lojas maçônicas. A forma de templo é a mais utilizada pelos arquitetos responsáveis, sendo do tipo axial, com pilones e colunas, tal como observamos nas figuras 17 e 18.

Uma das mais impressionantes construções da ordem Rosacruz está localizada em Curitiba, no Bosque Rosacruz. Esse complexo arquitetônico abriga o Museu Egípcio Rosacruz, os prédios do templo, a sede administrativa, o auditório H. Spencer, o Memorial Rosacruz e a Biblioteca Alexandria, onde todos possuem riquíssimos elementos egípcios. O Museu Egípcio Rosacruz, por exemplo, possui uma múmia de uma mulher chamada *Thotmea*, que teria vivido no final do terceiro Período Intermediário ou no início do Período Tardio. Além disso, possui uma fileira de esfinges, obeliscos e uma escultura do Aquenáton. O Memorial Rosacruz é todo coberto de hieróglifos escolhidos aleatoriamente, não sendo possível compreendê-los. Apesar de toda a riqueza de detalhes, os elementos são totalmente anacrônicos.

Segundo Silva (2005, p. 100)

Nos estudos da intelectualidade maçônica brasileira, o tema do Antigo Egito nunca aparece isolado, constituindo um objeto próprio de atenção do pesquisador. Ele emerge sempre relacionado às narrativas da Bíblia, auferindo desta a legitimidade de sua “emergência” e sua razão no repertório simbólico da Maçonaria. Assim, o Egito dos textos maçônicos só se incorpora à cosmogonia da Ordem, obtendo seu reconhecimento, a partir de sua pertença ao mundo das Sagradas Escrituras.

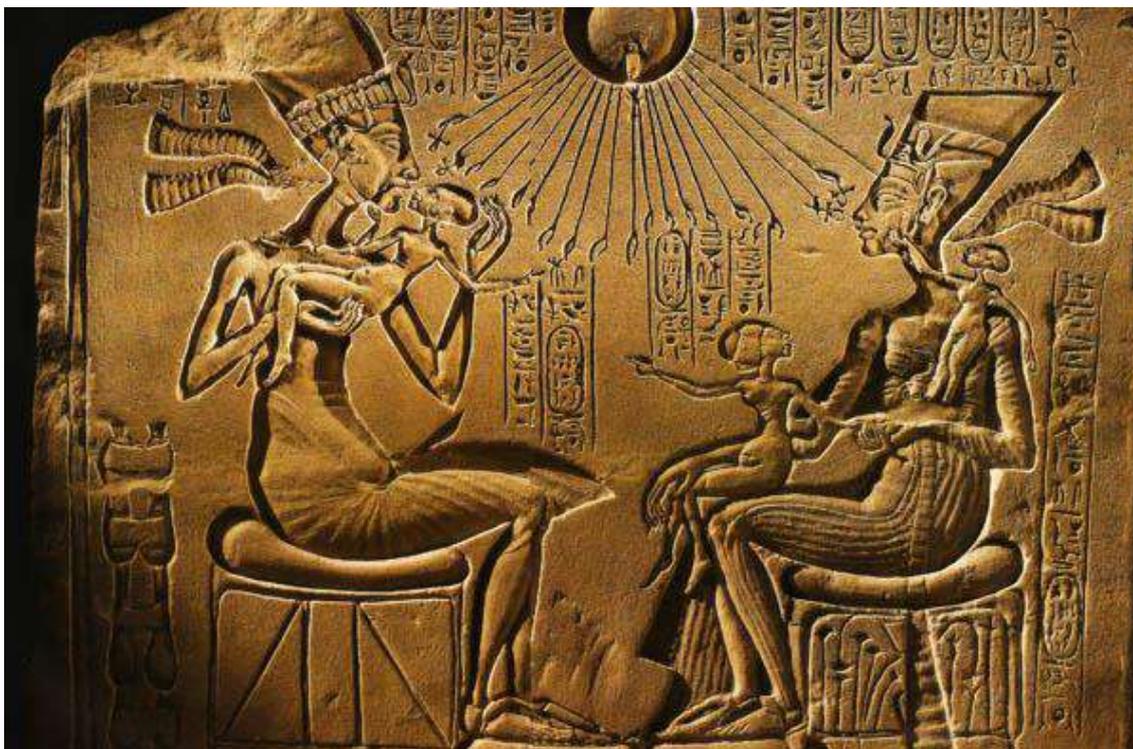
Assim, observamos que os elementos egípcios também são utilizados na construção de dogmas e crenças do presente. Nesse sentido, destacamos a importância que o Faraó Aquenáton tem. O governante, na maioria da literatura mística e religiosa sobre o Egito, aparece como um místico proto-Cristão, por ser a primeira pessoa a instituir a crença em um deus só, o monoteísmo.

#### **5.4 Os discos solares**

No final da XVIII dinastia, Aquenáton foi o responsável por instituir o culto ao deus Áton, o deus solar, compreendido pelos cristãos da Era Vitoriana, como o primeiro exemplo de monoteísmo na História das civilizações. Com a descoberta dos fabulosos tesouros na tumba desse Faraó, houve, então, um grande interesse pela arte desse governante, a qual foi apresentada com muito realismo e sempre acompanhada da presença do deus retratado como um disco solar (Figura 19).



**Figura 19 — Estela amarniana**



Fonte: JAMILLE, 2018.

Segundo Brancaglioni Junior (2003, p. 137), Áton é o

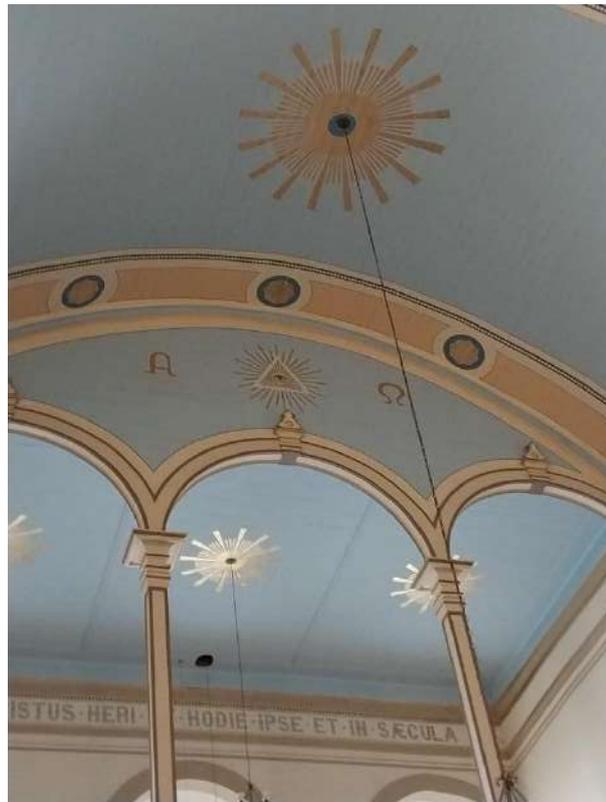
nome do disco solar que, no Período Amarniano, torna-se a expressão única do Criador. Seus principais centros de culto foram *Akhetaton* (*Tell el Amarna*) e Tebas. Inicialmente cultuado sob a forma de um homem com cabeça de falcão (hieracocéfalo) passou, na Época Amarniana, a ser representado pelo disco solar cujos raios terminavam em mãos que seguravam o ankh, símbolo da vida, e o was, símbolo do poder. Divindade cultuada pelo casal real, *Akhenaton* e *Nefertiti*, os intercessores privilegiados entre Áton e a humanidade. Seu culto desaparece com a morte de *Akhenaton*.

Para Jacq (1978), a análise da arte amarniana não só revela a nova fase de adoração ao disco solar Áton, mas como representa o uso de uma nova iconografia até então distante dos antigos padrões estéticos egípcios. O deus aparece como um disco solar com raios, cujas extremidades terminam em mãos. Ainda segundo o autor, Akenatón significa: “Viva Rá-Horakhti que se regozija no horizonte brilhante em seu nome de Luz que pertence a Aton” (JACQ, 1978, p. 28).

Vejamos os discos solares de Campanha (Figuras 20 e 21):



**Figura 20 — Discos solares da Catedral Santo Antônio**



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

**Figura 21 — Disco solar na fachada de uma casa ao lado da Catedral Santo Antônio**



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

A presença de motivos decorativos da arte egípcia em edifícios religiosos ou de praticantes de uma determinada fé, ou seita, é feita com base em dois enfoques fundamentais: o fascínio pelos valores culturais egípcios, mesmo que ligados à esfera da magia; ii. o culto à imortalidade. A egiptomania, nesse sentido, se apropria de símbolos do antigo Egito com novos objetivos.

### 5.5 As esfinges

Outros elementos são as esfinges. Representadas com o corpo de leão, com cabeças humanas, de carneiros ou de divindades, eram as responsáveis pela proteção do templo, representando a encarnação do poder real e divino (Figura 22).

**Figura 22 — Esfinge de Taraca. Museu Britânico em Londres**



**Fonte:** THE BRITISH MUSEUM.

As esfinges egípcias, comumente, estavam localizadas na avenida de entrada dos templos. Junto aos obeliscos faziam parte de um complexo religioso, o qual deve ser compreendido em seu conjunto. Eles demarcavam o caminho pelo qual as procissões religiosas percorreriam. Todas as festas e homenagens aos deuses passavam por essas guardiãs atentas, que remetem à vida eterna e ao seu caráter de entidade amistosa e protetora dos sítios funerários.

Brancaglioni Junior (2003, p. 127), esfinge advém:

do egípcio *shespankh* “Imagem Viva”. Designa um ser híbrido, mais frequentemente, um corpo de leão com cabeça humana real usando um *nemés* e representa a encarnação do poder real e divino. Numerosas variantes existem: o *nemés* pode ser substituído pela juba do leão; a cabeça pode ser a de um carneiro ou falcão; algumas vezes a esfinge pode ter o corpo de carneiro ou de crocodilo. A partir do Médio Império podem ter a cabeça da rainha.

Percebamos as esfinges de Campanha (Figura 23):

**Figura 21 — Esfinges da Biblioteca Pública Municipal Cônego Vítor**



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

Retiradas, portanto, do imaginário egípcio, apesar de não dialogarem tanto com os seus padrões estéticos, as esfinges da biblioteca servem aos mesmos propósitos: i. guardar a entrada dos visitantes; e ii. proteger o tesouro que jaz lá dentro, os livros, isto é, a imortalidade da sabedoria.

Antes de prosseguir às considerações finais, apresentaremos dois outros resultados da nossa pesquisa, fruto da divulgação científica do nosso estudo, em conjunto com a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade de Minas Gerais, por meio do financiamento do Programa de Apoio à Extensão da UEMG ao projeto “Ciclo de Estudos do LEPHAMA, em nosso canal do YouTube<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> <https://www.youtube.com/lephamatv>

Para a divulgação, escolhemos realizar, até o momento, duas *lives* sobre Egiptomania, com convidadas externas, as quais podem ser acessados a partir do Códigos QR abaixo (Figura 22 e 23):

**Figura 26 — Essa é a mistura do Brasil com o Egito**



Fonte: *YouTube* do LEPHAMA.

**Figura 27 — (Des)Africanizar o Egito Antigo**



Fonte: *YouTube* do LEPHAMA.

Até o final do ano 2023, planejamos realizar outras três palestras sobre Egiptomania. A todos(as) os(as) interessados(as), fica aqui o convide final para continuar acompanhando os nossos estudos.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi caracterizar, identificar e analisar os objetos arquitetônicos egípcios na cidade de Campanha-MG, através do olhar da egiptomania. Para tanto, reconhecemos os diferentes objetos egípcios de Campanha-MG, a saber cinco obeliscos, uma pirâmide, um jazigo/templo, duas esfinges e motivos solares decorativos. Após esse procedimento, avaliamos os objetos egípcios de Campanha-MG por meio da historiografia da arte egípcia, e compreendemos os seus usos no passado e no presente. Elaboramos também um mapa com os objetos egípcios, o qual aspiramos divulgar à sociedade campanhense.

Por fim, avaliados os objetos, pretendemos ainda compor um material didático para estudantes do ensino fundamental e médio da cidade de Campanha. Essa tarefa terá início em janeiro de 2024, com a previsão de término para dezembro do mesmo ano. Na obra, abordaremos questões sobre arte, religião egípcia, arqueologia e os monumentos da cidade de Campanha. Esperamos que até lá — e com a publicização da nossa pesquisa — novos objetos possam aparecer.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. N. de. Túmulos Celebrativos de Porto Alegre: múltiplos Olhares sobre o Espaço Cemiterial (1889 – 1930). 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- BAKOS, M. A Egiptomania a serviço da Egiptologia no Brasil. Revista Uniandrade, v. 1, p. 77 – 87, 2005.
- BAKOS, M. Um olhar sobre o antigo Egito no novo mundo: a Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul, 1922. Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, v. XXVII, n. 2, p. 153 – 173, 2001.
- BAKOS, M. Egiptomania no Brasil: o caso do Rio Grande do Sul. Phoênix, Rio de Janeiro, v. 8, p. 403 – 405, 2002.
- BAKOS, M. Corpo e Egiptomania. Phoênix (UFRJ), v. 9, p. 210 – 226, 2003.
- BAKOS, M. Laços Imperiais do Egito antigo com o Brasil. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS. v. XXIX, n.º 1, p. 137 – 150, junho de 2003.



- BAKOS, M. O Egito Antigo: na fronteira entre a ciência e a imaginação. *Fronteiras da Etnicidade no Mundo Antigo. Anais do V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*. Pelotas, 2003.
- BAKOS, M. (Org.). *Egiptomania: O Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- BAKOS, M. El antiguo Egipto en Brasil: História de la Egiptologia en Brasil. *ArqueoWeb Revista Eletrônica, Espanha*, v. 5, n. 3, 2004.
- BAKOS, M. Obeliscos americanos: polêmicos da gênese à forma. *Phoinix, Rio de Janeiro*, v. 10, p. 195 – 199, 2004.
- BAKOS, M. BRITO, M. R. Obeliscos brasileiros. In: BAKOS, M (org.), *Egiptomania — O Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004. p. 75.
- BAKOS, M. D. Pedro II no Egito: o diário de viagem do imperador. *Nossa História, Porto Alegre*, v. 15, 2005.
- BAKOS, M. A Egiptomania a serviço da Egiptologia no Brasil. *Revista Uniandrade*, v. 1, p. 77 – 87, 2005.
- BAKOS, M; FUNARI, R. dos S. O Egito antigo no Brasil: Egiptologia e Egiptomania. In: CHEVITARESE, A.; CORNELLI, G.; SILVA, M. A. de O. (Orgs.). *A Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Fortium Editora, 2008, v., p. 129 – 138.
- BAKOS, M. Hieróglifos: Imagens, Sons e Egiptomania. *Phoinix (UFRJ)*, v. 13, p. 178 – 202, 2008.
- BAKOS, M. Visões modernas do mundo antigo: A Egiptomania. In: FUNARI, P. Paulo; SILVA, Glaydson José, MARTINS, Adilton Luis (Org.). *História antiga: contribuições de brasileiros*. Campinas: Annablume, 2008, p. 15 – 35.
- BAKOS, M. Uma Herança: o Antigo Egito no Brasil. In: BAKOS, M. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.
- BAKOS, M et al. História da Egiptomania no Brasil: Bibliografia Comentada. *Plêthos*, n. 2, v. 1, p. 218 – 246, 2012.
- BARROS, K. Obelisco e mausoléu ao soldado constitucionalista de 1932: vitória política, derrota militar. *Demonumenta*. São Paulo, 15 jun. 2022. Disponível em: <<http://demonumenta.fau.usp.br/obelisco-e-mausoleu-ao-soldado-constitucionalista-de-1932/>>. Acesso em: 10 set. 2023.
- BRANCAGLION JUNIOR, A. *Manual de Arte e Arqueologia Egípcia*. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2003.



- BRANCAGLION JUNIOR., A. Manual de Arte e Arqueologia do Egito Antigo II. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2004.
- BRITO, M. R. Migração de Sentidos: Obeliscos no Brasil. Oficina do Historiador, PUCRS, 2003.
- BRITO, M. R. Obeliscos Egípcios: História e Transculturação. Porto Alegre: Graduação em História da PUCRS, 2004.
- BRITO, M. R. Penduricalhos da Memória: Usos e Abusos dos Obeliscos no Brasil (séculos XIX, XX e XXI). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas da PUCRS, 2007.
- COLI, J. O que é Arte. 15ª ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1995
- CUNHA, W. S. O Egito antigo na região sul do Rio Grande do sul. Cadernos do LEPAARQ (UFPEL), v. 2, p. 27 – 57, 2005.
- FUNARI, R. dos S. Reflexões acerca da subjetivação do Antigo Egito na sala de aula a partir do filme “O Príncipe do Egito”. Campinas: Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, 2008.
- FUNARI, R. dos S.; FUNARI, P. P. O Presente do Passado: O Egito no Brasil. Hélide, v. 1, n. 1, p. 35 – 43, 2015.
- GALILEU. Grande Pirâmide de Gizé pode concentrar ondas eletromagnéticas. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/08/grande-piramide-de-gize-pode-concentrar-ondas-eletromagneticas.html>. Acesso em 30 mai. 2023.
- GOMBRICH, E. A História da Arte. 16ª ed. Rio de Janeiro: LCT, 2000.
- HORTA, M.L.P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- IPATRIMÔNIO. [Site institucional]. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/campanha-obelisco-do-bicentenario-de-campanha/>. Acesso em 29 mai. 2023.
- JACQ, C. Akhenaton e Nefertiti: o casal solar. São Paulo: Editora Hemus, 1978.
- JAMILLE, M. Akhenaton e monolatria: um papo sobre este período único no Egito Antigo. Arqueologia Egípcia. Brasil, 21 abr. 2018. Disponível em: [arqueologiaegipcia.com.br/2018/04/21/akhenaton-e-monolatria-um-papo-sobre-este-periodo-unico-no-egito-antigo/](http://arqueologiaegipcia.com.br/2018/04/21/akhenaton-e-monolatria-um-papo-sobre-este-periodo-unico-no-egito-antigo/). Acesso em: 15 out. 2023.
- LISE, G. Como reconhecer a arte egípcia. Lisboa: Edições 70, 1978.



MARK, J. J. Egyptian obelisk. World History Encyclopedia. Nova Iorque, 6 nov. 2016. Disponível em: <[https://www.worldhistory.org/Egyptian\\_Obelisk/](https://www.worldhistory.org/Egyptian_Obelisk/)>. Acesso em: 15 out. 2023.

MARTON, F. Dom Pedro e a esfinge: homem do mundo, imperador buscou conhecer o planeta. Aventuras na História. São Paulo, 01 jun. 2017. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/dom-pedro-e-a-esfinge.phtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

MENESES, U. T. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. Revista de História, n. 115, pp.103 – 117, 1983.

MINERVA MAGAZINE. Luxor temple: where kings become gods. 2021. Disponível em: <https://the-past.com/feature/divine-kings/>. Acesso em 27. mai. 2023.

O CAMPANHENSE. Praça do obelisco — quem te viu e quem te vê. 2016. Disponível em: <http://ocampanhense.blogspot.com/2016/01/praca-do-obelisco-quem-te-viu-e-quem-te.html>. Acesso em 27 mai. 2023.

RIOTUR. Passeio público. Disponível em: <[https://riotur.rio/que\\_fazer/passeiopublico/](https://riotur.rio/que_fazer/passeiopublico/)>. Acesso em: 15 out. 2023.

SILVA, R. Apropriações contemporâneas do Egito Antigo: antiguidade e tradição no discurso maçônico. Mneme: revista de Humanidades, v. 7, n. 15, p. 88 – 130, 2005.

SUGIMOTO, C. Brasil, 6 mai. 2011. Twitter: @suguimoto. Disponível em: <<https://twitter.com/suguimoto/status/66507645372203008>>. Acesso em: 15 out. 2023.

THE BRITISH MUSEUM. Sphinx of Taharqo. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/image/596762001>. Acesso em 27 mai. 2023.